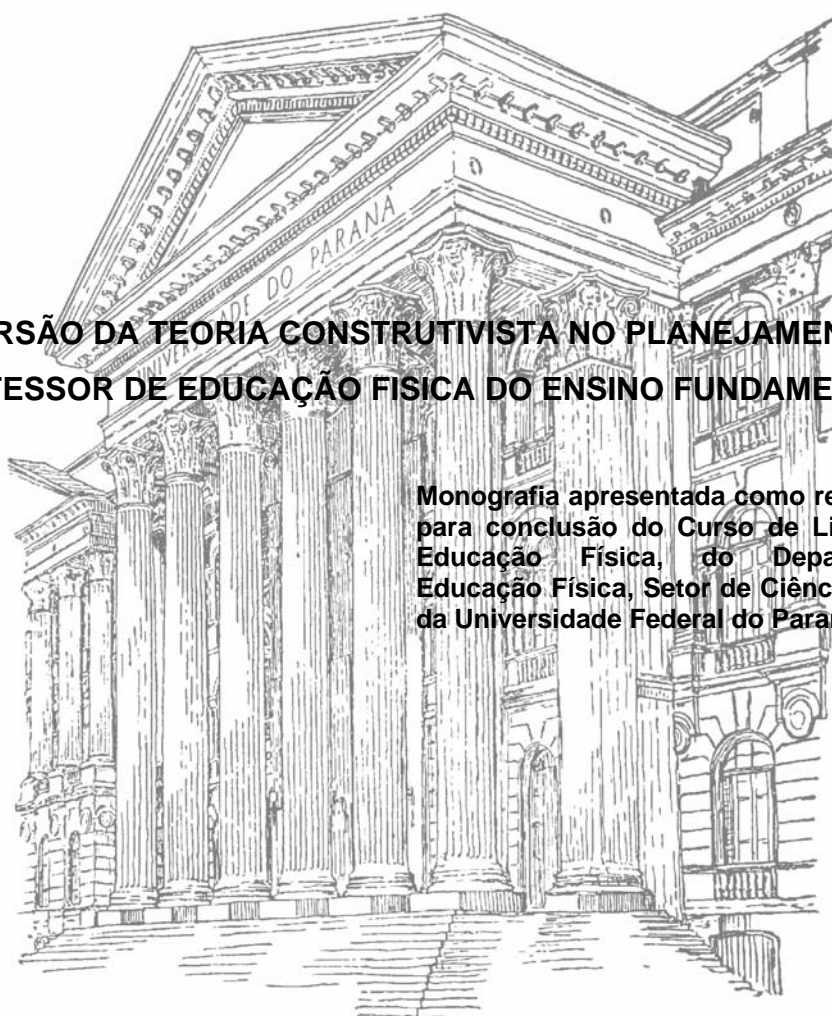


RONIE RODRIGO URNAU

**A INSERSÃO DA TEORIA CONSTRUTIVISTA NO PLANEJAMENTO DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2006

RONIE RODRIGO URNAU

**A INSERSÃO DA TEORIA CONSTRUTIVISTA NO PLANEJAMENTO DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

Dedico essa “vitória” na minha vida as pessoas que mais tiveram paciência comigo, minha mãe e meu pai, Lorena e Sergio Urnau.

Também aos amigos que mesmo descrentes depositaram em mim energia positiva para concluir este projeto. Taijih, Barril. Meus irmãos.

Tenho uma dívida e tanto com o professor que garantiu que eu fizesse esta monografia, pois me orientou quando eu não tinha nada mais do que a vontade de fazer algo, ele me deu direção e um motivo, Cláudio Portilho pela fé que depositou em um aluno relapso durante um ano.

Minha namorada que mesmo sem saber nem confiar, me ajudou da única forma que ninguém mais pode me ajudar.

“Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário”

Do poema “Operário em construção” de Vinicius de Moraes.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 JUSTIFICATIVA	2
1.2. PROBLEMA	4
1.2.1 Objetivos	4
2 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 CONSTRUTIVISMO	5
2.1.1 Autores construtivistas	7
2.1.1.1 Jean Piaget	8
2.1.1.1.1 O que é Epistemologia Genética?	10
2.1.1.1.2 Empirismo versus Apriorismo	11
2.1.1.2 Contribuições de Vygotsky	12
2.1.2 O Construtivismo na escola	14
3 CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

RESUMO

A INSERSÃO DA TEORIA CONSTRUTIVISTA NO PLANEJAMENTO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Com esse trabalho pretende-se apresentar a teoria construtivista para o ensino, trazendo os principais autores que criaram base para esta teoria do desenvolvimento cognitivo e suas contribuições para o entendimento da formação das estruturas cognitivas nas crianças desde seu nascimento até o final da adolescência. Nele apresentamos os principais trabalhos de Piaget durante sua história acadêmica, que se confunde com a história do construtivismo, e sua importância para a quebra de paradigmas positivistas, também mostramos as contribuições de Vygotsky até chegarmos a concepção da “abordagem construtivista” na escola, principalmente na área da Educação Física proposta, no Brasil, por João Batista Freire.

Palavras chaves: Construtivismo, Piaget, Vygotsky, Educação

1 INTRODUÇÃO

Com a crescimento do tecnicismos, muito difundido na década de 70, fica determinado o esporte como conteúdo da Educação Física escolar enfocando os princípios de racionalidade, eficiência e produtividade. Morreira(2004) Até meados da década de 80 a proposta da Educação Física escolar pautava-se quase que exclusivamente nos pressupostos positivistas encontrados no ensino tradicional que direcionou as matérias escolares de um modo geral.

Neste momento surgem novas propostas para o ensino, e com o advento destas propostas alternativas, destaca-se a proposta construtivista. Uma proposta pedagógica pautada nos preceitos levantados por Piaget na sua teoria do desenvolvimento e maturação cognitiva e nas teorias do desenvolvimento interacionista de Vigotsky, dentre outros autores. Suas propostas idealizam que a criança está construindo o seu saber constantemente como meio de adaptação e conscientização com o ambiente. E a escola ou o educador tem por função mediar situações de desequilíbrio nas estruturas mentais da criança, em relação ao meio, para proporcionar esta construção autônoma do saber.

Piaget identifica na criança quatro períodos principais, sensório-motor (0 – 24 meses), pré-operacional (2 a 6-7 anos), operações concretas (7 a 11-12 anos) e operações formais ou abstratas, que serão melhor apresentadas posteriormente. Piaget(1978)

O conhecimento das teorias de Piaget, assim como toda a lógica do construtivismo deve ser tema constante nos cursos de Educação Física em qualquer faculdade brasileira, e a assimilação de seus pressupostos e conhecimentos são

ferramentas fundamentais para o desenvolvimento de uma metodologia de ensino eficiente para os primeiros anos do ensino fundamental. “Seria aconselhável esperar que a formação dos professores incluísse o ensino de como as crianças vêem o mundo em diferentes níveis de idade e como essa visão difere da dos adultos.” (ELKIND, 1972)

No entanto, ainda é possível encontrar na prática, professores que ignoram as idéias das diferenças ou limitações de seus alunos com relação à sua idade e maturação cognitiva, preparando planos de aula que se equiparam entre turmas de primeira a quarta série sem levar em consideração o momento mais ou menos propício para desenvolver determinados conteúdos.

Os estudos do construtivismo trazem as diferenças relevantes sobre cada fase maturacional da cognição em suas idades e os motivos ou meios de acelerar este desenvolvimento. No livro “Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da educação física” de Freire(1994) que trata da possibilidade de inserção do construtivismo nas aulas de educação física, coloca-se o jogo como ferramenta pedagógica crucial para expor os alunos a situações de desequilíbrio cognitivo, capaz de gerar uma construção mais ampla de sus conhecimentos.

1.1 JUSTIFICATIVA

No exercício da minha profissão como professor substituto em um colégio particular que contemplava turmas de maternal, pré I, II, III, 1ª 2ª 3ª séries do ensino fundamental, sendo uma turma para cada série e todas recebiam aulas de educação física no mesmo dia, um único dia por semana, eu deveria preparar um plano de

aula para cada turma separadamente, porem montava uma aula para o ensino fundamental e outra para as séries anteriores apenas.

Obviamente dessa forma não dava certo, pois os planos funcionavam muito bem para determinadas turmas e mal para outras. Como estava em época de escrever minha monografia e estava pesquisando sobre os estudos de Piaget e sua inserção na pratica do professor de educação física, me deparei com meu maior medo. Eu não conseguia colocar os estudos que estava fazendo em pratica.

A partir daí comecei a atentar mais para o fator “planejamento” na pratica do professor. Então busquei acumular informações sobre as teorias construtivistas e suas bases nas teorias de Piaget para concluir meu trabalho e ao terminá-lo ter uma visão mais completa e geral do tema para formular um plano de aulas mais coerente e eficaz na minha vida profissional.

A concepção construtivista do ensino deve-se, em seu âmago e inicio, a Piaget. Essa concepção é difundida por entre os estudantes universitários das áreas da educação e afins como tema constante nos currículos. Mas muitos desses estudantes passam por seu estudo como obrigação e não se aproveitam desses conhecimentos em sua prática.

Visto isso, intriga entender a importância que os profissionais da área da Educação Física dão ao seu estudo, ou atualização, para formular sua prática pedagógica. Razão pela qual optei por essa abordagem, afim de melhor entender a importância acima referida.

1.2 PROBLEMA

- De que forma a abordagem construtivista pode contribuir para o planejamento e prática do professor do ensino fundamental?

1.2.1 Objetivos

- Elencar o conhecimento sobre as teorias construtivistas
- Dialogar com as teorias piagetianas
- Identificar a amplitude dos conhecimentos construtivistas como fonte para o desenvolvimento de um plano de aula eficiente e eficaz.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONSTRUTIVISMO

O construtivismo é considerado uma abordagem pedagógica por alguns autores, por outros uma teoria psicológica da aprendizagem, mas os estudos que compõem a base filosófica desta linha de pensamento surgiram com um intuito bem diferente do utilizado. Na verdade os estudos que começaram com a idéia de que o conhecimento na mente humana é algo construído e não adquirido ou desenvolvido com treinamento, tinham como objetivo identificar a origem da maior vantagem adaptativa para a sobrevivência que a humanidade dominava, o conhecer. “O construtivismo nasceu da epistemologia genética de Jean Piaget.” (MATUI, 1995)

FRANCO(1998) conceitua a idéia inicial dessa teoria:

“De acordo com Piaget o conhecimento não está no sujeito nem no objeto, mas ele se constrói na interação do sujeito com o objeto. É na medida que o sujeito interage (e portanto age sobre e sofre ação do objeto) que ele vai produzindo sua capacidade de conhecer e vai produzindo também o próprio conhecimento. Esta é a razão da teoria piagetiana ser chamada de ‘construtivismo’” (FRANCO, 1998)

Desta forma, a idéia que havia até aquele momento sobre o aluno ser uma esponja de absorver o conhecimento que fosse colocado na sua frente, foi desconstruída, e as teorias chegaram mais profundamente que a proporção inicial, atingindo âmbitos filosóficos que colocaram em cheque o pensamento educacional da época. “Trata-se da idéia de que o que chamamos de conhecimento não tem, e não pode ter, o propósito de produzir representações de uma realidade independente, mas antes tem uma função adaptativa”.(FOSNOT, 1998)

FOSNOT(1998, p20) ainda complementa esta lógica:

“O conhecimento, então, poderia ser tratado não como uma representação mais ou menos acurada de coisas, situações e eventos externos, mas antes como um mapeamento das ações e operações conceituais que provaram ser viáveis na experiência do sujeito conhecedor”.

Entra aqui a noção de equilíbrio fortemente trabalhada por Piaget. Esta teoria envolve dois momentos cruciais no desenvolvimento das estruturas cognitivas do conhecimento: “A equilibração foi descrita por Piaget como o processo dinâmico de comportamento auto-regulado que põe em equilíbrio dois comportamentos polares intrínsecos, a assimilação e a acomodação” (FOSNOT, 1998). A primeira explica como situações novas que tenham um paradigma semelhante com situações já vividas podem ser resolvidas sem um conhecimento prévio da resposta, através da assimilação informações extras são acrescentadas as estruturas cognitivas já existentes no indivíduo, ampliando a quantidade de situações que podem ser respondidas por uma determinada lógica de pensamento. Já a acomodação envolve uma situação sem precedentes nas experiências do indivíduo, onde as estruturas cognitivas já existentes entram em desequilíbrio na tentativa de responder a situação e como resultado é acrescida uma nova estrutura lógica que amplia as possibilidades de respostas a partir dessa experiência.

Para Lima(2000) as abordagens da epistemologia genética de Jean Piaget e a sócio-interacionista de Lev Semionovich Vygotsky tem como um dos pressupostos centrais que o conhecimento não é um produto de características unicamente biológicas, tendo na interação ambiental e social sua fonte de desequilíbrio, fator que propiciará um reajuste cognitivo, que tornará a experiência em conhecimento para o indivíduo.

“Apenas o uso repetido e a ocorrência de falhas na obtenção da resposta desejada promoverão ajustes” (FOSNOT, 1998)

2.1.1 Autores construtivistas

Não se tem discussão quando se diz que Piaget e Vygotsky foram os grandes estudiosos que em paralelo desenvolveram a teoria construtivista. Juntamente com eles muitos autores contribuíram com para a consolidação das teorias construtivistas, alguns como parceiros ou colaboradores, outros como pesquisadores individuais. Podemos citar alguns como Fosnot, Forman, Chall, Fereiro, Gardner, Wallon, e muitos outros.

“Podemos até afirmar que duas abordagens serviram como alicerce para as atuais investigações teóricas sobre o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças pequenas em situação de interação social: a epistemologia genética de Jean Piaget (1896-1980) e a sócio-interacionista de Lev Semionovich Vygotsky (1896-1924)” (LIMA, 2000)

Inicialmente os estudos de Piaget apontaram para uma maturação biológica da inteligência (que será melhor apresentado adiante) mas os estudos de Vygotsky com sua noção de zona de desenvolvimento proximal, contrapõe-se as teorias de Piaget acabando por se complementarem posteriormente. “A contribuição de Vygotsky, Wallon e outros vem imprimir dimensão cultural ao objeto e histórica ao sujeito” MATUI(1995)

2.1.1.1 Jean Piaget

Trabalhou com testes cognitivos, teste de QI, para identificar a capacidade de indivíduos em diversas faixas etárias. Pesquisou através dos testes de QI, testes que julgam os conhecimentos acumulados pelos indivíduos e teoricamente o raciocínio lógico sobre esses conhecimentos, pelo valor que tinha a produção de pesquisas sobre QI em seu tema de pesquisa que abordava o conhecimento humano como principal característica adaptativa do homem ao meio. Como diz FRANCO(1998) “a Psicologia vinha tratando o problema da produção do conhecimento pelo homem, aspecto importante no estudo da inteligência”. E nesse ponto a sociedade acadêmica envolvida questionou a importância da linguagem, visto que o conhecimento é uma construção sociabilizável da inteligência, transmissível, então, pela linguagem.

Nesse momento Piaget suspeitou que avaliar os conhecimentos adquiridos pelas crianças e adolescentes com base nos testes de QI desenvolvidos para adultos não apresentava a verdade da situação cognitiva dessas.

“Uma das grandes novidades na abordagem de Piaget sobre o processo de conhecimento é que ele não partiu do estudo de como o adulto pensa, como as demais teorias que tentam explicar este processo sempre fizeram”
FRANCO (1998, p22).

Os primeiros estudos de Piaget apontaram para uma maturacionalidade das capacidades cognitivas. Piaget constatou que dependendo da faixa etária que se encontravam os sujeitos de sua pesquisa, eles não apresentavam o discernimento sobre as funções simbólicas, sobre o símbolo, sobre as noções de conservação, sobre a conservação de conjuntos, sobre as quantidades, sobre a ordenação ou sobre correspondência. Então ele formulou a teoria do desenvolvimento cognitivo

maturacional, onde o indivíduo aprendia e desenvolvia seus conhecimentos em conjunto com sua maturação biológica.

Ficou assim postulada sua teoria:

No primeiro período, de 0 a 24 meses, a interação social da criança é puramente motora. Ela interage com o mundo a sua volta sem diferenciar o eu interior do mundo exterior. Essa fase é chamada Sensório-Motora.

Na segunda fase a linguagem começa a tomar significado (simbólico), mas seu entendimento parte de uma visão caracterizada por egocentrismo, centração, estados X transformações, desequilíbrio, ação, irreversibilidade, pré-conceitos e outras características (PIAGET, 1985), onde a comunicação é uma forma de exteriorizar seu pensamento e não de transmitir informação. Esta é a fase Pré-Operatório, que perdura até próximo aos 7 anos de idade.

Chegando à terceira fase encontramos o início da lógica nas operações intelectuais da criança, onde a comunicação começa a ter a forma adulta, mas a criança ainda sente dificuldades de trabalhar com abstrações de nível hipotético. Começa-se a encontrar o princípio da reversibilidade e conservação. A criança sabe que existe mesmo que não veja. É a fase Operações Concreta, que percorre dos 7 aos 10 anos.

E por final, a fase Operacional Formal, que surge entre os 11 e 12 anos e se equivale à cognição adulta, pela capacidade de entendimento e interpretação, mas que ainda não se iguala a adulta por falta de experiências e conhecimentos que a potencialize.

Durante a produção de todo esse material riquíssimo em informações, Piaget abordou a aprendizagem de uma forma relativamente ampla discutindo com seus colaboradores o tempo de desenvolvimento das capacidades cognitivas

relevantes para cada fase. Ainda durante este tempo Piaget criou e apoiou-se na teoria da equilibração pra delinear suas pesquisas, mas durante seus últimos tempos de pesquisa foi que ele se debruçou sobre esta que seria o alicerce do construtivismo.

“Embora os escritos de Piaget tenham aparecido ao longo de uma extensão de mais de 50 anos, é o trabalho feito nos 10 a 15 anos antes de sua morte que serve como base psicológica do construtivismo”. (FOSNOT, 1998)

2.1.1.1.1 O que é Epistemologia Genética?

“Etimologicamente, epistemologia significa: epistheme = verdade, logos = conhecimento, ia = arte. Então se entende que a Epistemologia é a área do conhecimento humano que estuda os critérios de verdade das ciências” (FRANCO , 1998, p17).

Piaget partiu de estudos biológicos sobre a inteligência humana e seguiu caminho por entre a psicologia e a pedagogia criando na verdade um trabalho de epistemologia do desenvolvimento cognitivo. Mas seus estudos epistemológicos centraram-se em como as estruturas lógicas se originam nos primeiros anos de vida, ou seja, como se constitui na criança. MATUI(1995, p32,) define a epistemologia genética como: “o estudo da gênese e desenvolvimento das estruturas lógicas do sujeito em interação com o objeto de aprendizagem, ou seja, o estudo dos processo de construção dos conhecimentos”

Como vimos no sub-capítulo anterior, Piaget via a capacidade intelectual do ser humano como “o principal meio de adaptação do ser humano, que aliás, é o ser vivo que melhor se adapta a ambientes e condições” (FRANCO, 1998), intrigava-lhe como se dava a gênese desse na mente humana.

Os trabalhos até então formulados não bastavam para aquietar as dúvidas de Piaget, pois muitos eram originados de teses comportamentalistas que tinham animais como fontes. Skinner com sua teoria do condicionamento, é um exemplo de estudiosos dessa área. Daí partiu seu interesse que o fez criar uma linha de estudo que buscava mais a fundo o conhecimento.

Em suas pesquisas Piaget se deparou com correntes da psicologia que se divergiam quanto à origem do conhecimento do homem: o empirismo e o apriorismo (FRANCO, 1998).

2.1.1.1.2 Empirismo versus Apriorismo

Quanto mais se estudava a produção do conhecimento pelo homem, mais se divergiam as opiniões dos autores, pois eles se apegavam a uma das correntes existentes em detrimento da outra. É a linha behaviorista (empirismo) X a Gestalt (apriorismo), o objeto X a pessoa.

O Empirismo vem apoiado pelo “comportamentismo e associacionismo, em razão dos condicionamentos e das associações estímulo-resposta”. (MATUI, 1995). Utilizam-se desta linha J. Watson e B. F. Skinner, que trabalham com teorias comportamentalistas (behaviorista) onde ao objeto pertence o conhecimento e o indivíduo aprende quando em contato com ele. É o objeto a fonte do conhecimento e o indivíduo não aprende a não ser através dele, que por sua vez imprime no indivíduo um esquema de estímulo-resposta ou modificação do comportamento que é gerado pela condição externa ao ser.

O Apriorismo ou racionalismo enfatiza a razão sobre o fenômeno. O objeto continua existindo nessa situação, mas ao contrário do empirismo, aqui é o indivíduo

que gera o conhecimento sobre o objeto. “No racionalismo, o sujeito confere ao objeto o conhecimento prévio que traz consigo”. MATUI(1995). Para o racionalismo o individuo já é dotado de todo o conhecimento como se a circunstancia certa apenas desperta-se nesse o conhecimento que nele se guardava.

Nestas visões ou o conhecimento vem de dentro de você ou é fruto da influencia do objeto sobre você. Mas alguns autores se opunham a esta dicotomia desde o tempo de Sócrates que discursava a favor do conhecimento como algo que crescia dentro da pessoa através de suas experiências com tudo ao seu redor. Este pensamento foi evoluindo sem muita ambição até chegar em Piaget, que resolveu defender esta posição contrapondo-se mutuamente tanto ao apriorismo quanto ao empirismo. Para Piaget, assim como para Sócrates, não era o objeto que trazia o conhecimento à nossa visão, nem tão pouco nós poderíamos aprender e amadurecermos trancados em um quarto escuro sem contato com novidades. Daí nasce a teoria construtivista a qual rege que: O conhecimento não vem a nós pronto como algo a ser acolhido, mas é construído quando uma situação de desequilíbrio ocorre por influencia de um objeto com novas características ou um situação discrepante aos nossos conhecimentos prévios.

2.1.1.2 As contribuições de Vygotsky

Vygotsky teve uma vida muito, mais curta que Piaget e nesse curto período deu inicio a uma gama enorme de projetos e quebras de paradigmas em muitas áreas do conhecimento científico. Publicou diversos livros e artigos, sobre temas bem amplos e devotou sua vida a iniciar caminhos que muitos estudiosos trilham até

hoje. No que se refere aos pressupostos construtivistas não foi diferente. Ele dialogou com muitos textos de diversos autores e se opôs à muitas conclusões e resultados de Piaget mesmo sem nunca ter tido a chance de dialogar diretamente com ele. Suas contribuições foram extremamente relevantes fazendo o próprio Piaget repensar suas conclusões e retomar estudos incompletos como o da equilibração cognitiva.

Uma das contraposições de Vygotsky que fez com que Piaget repensasse seus estudos foi quanto a visão da linguagem da criança.

Cedo em sua carreira, Piaget estudara a linguagem de pré-escolares e concluíra que ela em grande parte apresentava uma natureza egocêntrica que os levava a falar em voz alta—para si mesmos, sem qualquer propósito de comunicativo social... Vygotsky propôs que a ‘fala egocêntrica’ é, em realidade, o início da formação da fala interna, que será usada posteriormente como uma ferramenta do pensamento(FOSNOT, 1998, p36)

Outra divergência dos dois autores era quanto as idéias iniciais de Piaget sobre a maturação biológica da inteligência. Vygotsky discordava da idéia que a criança aprenderia ‘simplesmente’ quando chegasse sua hora, ele acreditava que o conhecimento tinha um valor social implícito que tornava a interação entre pessoas de estágios cognitivos diferentes obrigatória para o desenvolver da lógica e do pensamento racional.

Vygotsky formulou a teoria da “zona de desenvolvimento proximal” como resposta para essa lacuna encontrada. Para isso precisamos primeiro entender a diferença que Vygotsky fazia entre conhecimento espontâneo e conhecimento científico. “Ele definiu os conceitos espontâneos como pseudo-conceitos – os do tipo estudados por Piaget” (FOSNOT, 1995, p35). Esses conceitos seriam os criados normalmente pela interação da criança com o ambiente e com suas reflexões

individuais, mas que os conceitos científicos são adquiridos através da interação com indivíduos mais experientes ou adultos, principalmente em ambiente estruturado como em sala de aula pois “impõem sobre a criança abstrações mais formais e conceitos logicamente mais definidos do que os construídos espontaneamente” (id. Ibid. p 35)

A idéia de zona de desenvolvimento proximal entra como ponto de intersecção entre o conceito espontâneo e científico. “O desenvolvimento de um conceito espontâneo deve ter atingido um determinado nível para que a criança seja capaz de absorver um conceito científico a ele relacionado” (VYGOTSKY, 1962/1986, p. 194 apud FOSNOT 1995, p.36).

A importância que Vygotsky dá à interação social entre o aprendiz e um mediador é enorme. Segundo ele não é viável o aprendizado do conhecimento culturalmente produzido sem a instrução de um ser social para fazê-lo. É a partir de Vygotsky que o profissional da educação toma a postura de mediador na abordagem construtivista.

2.1.2 O Construtivismo na escola

“Quando pretendemos estimular e melhorar a aprendizagem de um estudante, não podemos esquecer que o conhecimento não existe fora da mente de uma pessoa” (FOSNOT, 1995) Talvez este seja o maior dilema de qualquer profissional da educação diante de sua turma. Entender que o que está explícito aos nossos olhos não é verdade absoluta exposta no objeto, mas faz parte de nossas experiências e estruturas cognitivas desenvolvidas.

O construtivismo imagina o professor como um mediador entre as experiências do aluno no seu ambiente e o alcance de conceitos científicos adiante. Segundo VYGOTSKY (apud OLIVEIRA p. 34 apud MATUI 1995 p. 65) “mediação é ‘o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento’”. Mas os pressupostos construtivistas parecem se contradizer no ponto que imagina como responsabilidade do professor entender o alcance dos conhecimentos e fase cognitiva de seus alunos enquanto toma o conhecimento como algo individual, diverso e intransferível.

Na teoria construtivista de Piaget não se pode extrair conclusões sobre o caráter do mundo real, da adaptatividade de um organismo ou da viabilidade dos esquemas de ação. Em sua visão, o que nós vemos, ouvimos e sentimos – ou seja, nosso mundo sensorial – é o resultado das nossas próprias atividades perceptivas e, portanto, específico dos nossos modos de perceber e conceber” (FOSNOT, 1998, p20)

A individualidade do mundo psíquico das pessoa não pode servir de base para avaliar os conhecimentos de outra, desta forma, como analisar qual é o conhecimento inerente do aluno quando planejar uma aula? O construtivismo propõe que conheçamos as diferentes fases de desenvolvimento cognitivo para estarmos aptos a propor aos nossos alunos situações que provoquem desequilíbrio cognitivo mas que não sejam insuperável pelo aprendiz. FOSNOT(1998) aborda esse tema da seguinte forma:

Com demasiada freqüência, estratégias e procedimentos de ensino parecem provir da suposição ingênua de que o que nós mesmos percebemos e inferimos das nossas percepções está presente, pré-fabricado, pra que os estudantes captam, se apenas tiverem a vontade de fazê-lo (FOSNOT, 1998)

No Brasil, João Batista Freire se destaca por sua obra “Educação de Corpo Inteiro” (FREIRE, 1994) que propõe a inserção dos pressupostos construtivistas na Educação Física Escolar, embasando-se nas experiências em outras áreas da educação como a matemática e a literatura. Esta proposta vê a criança de um ponto de vista onde o professor sai da posição verticalista da educação, em que ele é o “dono e retentor” do conhecimento e se posiciona horizontalmente como um participante igualitário, companheiro na busca de experimentações e conhecimento considerando a criança como um indivíduo eficiente e produtivo com suas limitações. “A criança é uma especialista em brinquedo, e que ao entrar na escola já é portadora de uma bagagem cultural que deve ser respeitada, e valoriza a liberdade no aprendizado” (FREIRE, 1994, apud GRANDE, 1995, p30). Freire enfoca a espontaneidade com que a criança brinca, imagina, cria e simula situações divertidas e motivantes, colocando o jogo como, além de ser uma das maiores bagagens culturais que criança trás de suas primeiras vivências sociais, um perfeito canal para vincular os conhecimentos e necessidades da criança com os conhecimentos e valores que interessa ao professor transmitir.

Gomes (1992) discorre sobre o jogo, “de acordo com sua definição, podemos considerá-lo como diferente das ‘brincadeiras de rua’ que na sua grande maioria não têm regras e normas”. Ele difere o jogo das brincadeiras pela inserção de algum tipo de organização de grau variado, que o adequa à inserção de atividades em grupos, mas que não perde seu valor lúdico e prazeroso. (CALMETTES apud OLIVEIRA 1986) partilha de sua visão e usa a seguinte exemplificação, “uma bola, se brincarmos sozinhos com ela, teremos tão-somente um brinquedo; se, porém, a lançarmos a várias pessoas, teremos constituído um

jogo” demonstrando o valor de atividade social do jogo e por ser social também imbuída de regras de convivência.

Freire (1994) propôs métodos de inserir o brinquedo na escola de ensino fundamental como ferramenta e conteúdo para desenvolver o corpo e a mente das crianças tornando-o um jogo. Estas propostas foram testadas e bem vistas por muitos estudiosos. Apesar de encontrarem-se dificuldades de implementar estas atividades em certas idades, ainda reforça-se a utilização destes conteúdos nas escolas. (PIRES 2002) realizou uma experimentação de um jogo denominado de pique-tesouro em um grupo de 10 alunos de 5 a 6 anos. Apesar da ludicidade inerente na atividade, da motivação dos alunos e da preparação dos professores, os pesquisadores depararam-se com muita dificuldade de executar o jogo por inteiro. Detectou-se a falta de interpretação e assimilação das regras por parte dos alunos, que desestruturou o jogo planejado.

Isso ocorre porque segundo Piaget (1985) “o pensamento pré-operacional desenvolve-se a partir de imagens concretas e estáticas da realidade, e não com sinais abstratos”. E sendo as regras verbalizadas de um jogo novo, símbolos não construídos pelas crianças, elas perdem significados na praticas do jogo.

3 CONCLUSÃO

Procuramos para este trabalho, as bases da teoria construtivista para reforçar nossos conhecimentos sobre a criança e seu desenvolvimento cognitivo nos primeiros anos de ensino.

Vimos as contribuições de vários autores para a formulação do construtivismo, mas nos centramos primordialmente nos dois maiores autores, Piaget e Vygotsky.

Vimos como o construtivismo se desenvolveu de uma teoria de maturação biológica, passando por teoria interacionista entre individuo e objeto, até individuo e individuo, para chegar a noção de construção interacionista de equilíbrio biológica. Ou seja, deixou os vestígios de empirismo e apriorismo pouco a pouco até consolidar a idéia que o conhecimento esta na reflexão existente do individuo com o objeto problema ou situação desequilibradora.

Piaget foi um dos pioneiros nos estudos da inteligência na criança e contribuiu com todas as áreas humanas e sociais do conhecimento com suas descobertas sobre a construção do conhecimento na mente humana.

As teorias descrevem que o professor tem função mediadora para o desenvolvimento das capacidade cognitivas do aluno. Ele deve ter em mente que a 'construção' do conhecimento parte das estruturas cognitivas já existentes na criança e o professor deve planejar suas aulas a partir da bagagem cultural que ela traz de seu meio ambiente cotidiano.

Aprendemos com este estudo que com o decorrer do desenvolvimento da criança, ela vai adquirindo estruturas lógicas e pensamento cada vez mais complexas que não podem ser exigidas precocemente mas devem ser trabalhadas

afim de prepará-la em sua 'zona de desenvolvimentos proximal' para no momento propicio consolidarem-se como conhecimento adquirido.

Mas como podemos concluir que tal turma de crianças possui tais conhecimentos inseridos em sua bagagem cultural ou mesmo que certa criança esta apta a ser estimulada em certa atividade desafiadora de suas capacidades?

O construtivismo parte da noção de que o conhecimento pode ser tratado como estruturas e operações conceituais testadas e reestruturadas em busca de um equilíbrio entre situação e resposta experimentada por cada pessoa. E esta experimentação individual passa pelos meios sensoriais perceptivos de cada pessoa, o que torna cada conhecimento construído muito pessoal.

"E porque são construtos individuais, jamais se pode dizer se uma ou duas pessoas produziram o mesmo construto. No máximo, podemos observar que em um determinada número de situações, seus construtos parecem funcionar da mesma forma, ou seja, eles parecem compatíveis."

FOSNOT(1998)

Isso quer dizer que o conhecimento ainda que possa ser expresso e entendido por uma linguagem comum e assim sociabilizado, é interpretado e armazenado de forma única por cada individuo.

Freire nos traz uma proposta construtivista que idealiza a brincadeira como um conhecimento garantidamente presente nas experiências vividas pelas crianças que ingressam no ensino escolar. Ele propõe que os professores de Educação Física devem utilizar-se do jogo (forma aprimorada das brincadeiras através de regras de interação social) como meio de ter o primeiro contato com a criança, estimulando noções de ludicidade, interação e motivação para captar seu interesse nas aulas correntes. Freire vê os jogos, principalmente os físicos, de uma forma otimista onde qualquer criança se sentiria confortável, mas como já foi apresentado,

as experiências e as aquisições de conhecimento se diferem muito de indivíduo a indivíduo, e identificar maturação cognitiva e social de uma pessoa é uma tarefa muito especializada para um professor de ensino fundamental exercer.

A teoria construtivista é uma ótima abordagem pedagógica e psicológica, fundamental para qualquer profissional de ensino ser flexível, atento e capaz de aproveitar-se de situações favoráveis para construir, junto com os alunos, novas noções e conceitos úteis para suas vidas. Mas como metodologia para preparação de uma aula, a teoria construtivista serve como conceito complementar que pode ser usada para regular a rigidez excessiva de um plano de aula. Mesmo a proposta de jogos na escola deve estar muito aberta para situações em que as crianças não tenham contato com símbolos e significados que sejam “básicos” para o professor que planeja a aula. Entretanto a consciência do professor sobre as formas de se construir um conhecimento na mente de uma criança pode proporcionar uma eficiente progressão pedagógica que garantirá o desenvolvimento satisfatório da aula.

Em especial as primeiras pesquisas de Piaget que tratam dos estágios de desenvolvimentos e as pesquisas de Vygotsky que analisam a função da linguagem na construção de conceitos científicos podem sim, e devem, ser utilizadas e ser constantes no planejamento das aulas em turmas de 1ª a 4ª do ensino fundamental assim como as posteriores.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BOTTRO, Antonio M. *O pensamento de Jean Piaget*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universidade LTDA, 1999.

CARRETERO, Mario. Tradução: RODRIGUES, Jussara Haubert. *Construtivismo e Educação*. Porto Alegre: Editora Artmed S.A. 2002.

ELKIND, David; *crianças e adolescente: Ensaio Interpretativos sobre Jean Piaget*. Rio de Janeiro: Tradução Narceu de Almeida; Editora Zafar Editores 1972

FOSNOT, Catherine Twomey. tradução Sandra Costa. *construtivismo: Teorias, perspectivas e Pratica pedagógica*. Pará: Editora Artmed 1998

FRANCO, Sergio Roberto Kieling: *O construtivismo e a educação*. 7ª edição, Pará: Editora Mediação, 1998.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro: teoria e pratica da educação física*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

GOMES, Washington Luiz Moreira. *Manual de Recreação e Educação Física Infantil*. Araçatuba-SP: Editora Leme, 1983.

GOULART, Íris Barbosa. *Piaget, Experiências Básicas para a utilização pelo Professor*. Petrópolis: Editora Vozes. 1985.

GRANDE, Dalton. *Disciplina de Educação física nas escolas públicas municipais de 1º grau na cidade de Curitiba: características das tendências na teoria e na prática*. Curitiba: Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 1995.

MATUI, Jiron: *Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino*. São Paulo: Editora Moderna, 1995

MORREIRA, Robinson: Monografia de conclusão de curso de licenciatura plena em educação física no ano de UFPR 2004

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Brinquedo e Indústria Cultural*. Petrópolis: Editora Vozes. 1986.

PIAGET, Jean ,traduções de Nathanael c. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Piero. *A epistemologia genética; Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética*; São Paulo: Editora Abril Cultural 1978

PIRES, Rosangela Nobre. O Jogo, a Educação Física e a escola: é possível falsear as implicações da teoria Piagetiana? In: *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* ano I 2002.